

Green Diamond

I

Até hoje, a Ciência caminhou no sentido de colocar o Homem em seu devido lugar no mundo. Além de imortais, éramos o centro de tudo quanto existia: hoje somos habitantes transitórios de um planeta de merda girando ao redor de uma estrela de quinta.

Mas eu pergunto ao leitor: e daí? Continuamos a ser o epicentro dos acontecimentos que regem nossas vidas. Veja este exemplo, o mais imediato que conheço: acordei no meio da madrugada com uma dor insuportável do lado direito da garganta, bem perto do ouvido.

Não dispondo, no momento, de nenhum paliativo para aliviar a dor – e, aos que sabem que meu irmão é dentista, aqui se aplica a máxima de que *em casa de ferreiro, espeto de pau* –, até que o dia clareie e eu possa me consultar com um médico resolvi tentar distraí-la escrevendo um pouco.

Logo, de nada adiantaria se me dissessem para esquecer a dor que ora rege meu ato escrito, sob a alegação de que sou transitório e vivo num planeta de merda girando ao redor de uma estrela de quinta. Não obstante, isso me irritaria ainda mais.

Ou, se preferirem – a propósito, eu prefiro – resumir tudo o que foi dito até aqui pela máxima do personagem Spock, do seriado Jornada nas Estrelas – rutilantemente lógico, e adorável pelo mesmo motivo –, quando argüido sobre a insignificância humana: “Embora haja incontáveis galáxias no Universo, só existe um de cada um de nós. Fascinante!”.

E foi com este espírito, meio dolorido, meio esperançoso pelo dia que começa a nascer trazendo consigo, na pior das hipóteses, um cataflam, que constatei, inadvertidamente, eu acabara de retomar a crônica que havia ficado pela metade quando parei de escrever para esta coluna.

Verdade seja dita, retomar não é bem o caso, vez que nem me recordo mais de como era a crônica, em sua versão original. Mas como esquecer que a partida em análise, ora revisitada, fora jogada pelo impagável Tarcísio Lahud – que, curiosamente, é médico, se é que a associação pretendida com minha dor não se faz distante ao leitor.

II

Lacerda, César R. x Lahud, Tarcísio – V CEAX 2003 – Guarapari – C50 (Green Diamond)

1. e4 e5

2. Cf3 Cf6!

Deve o leitor estar curioso em saber o porquê do nome de batismo desta partida. Bem, o motivo será revelado no seu próprio transcorrer. Todavia, temos aqui um prenúncio. Partindo do princípio de que toda jóia traz incrustada em seu âmago a rubrica do lapidário,

este **2. ... Cf6!**, caracterizando a favorita Defesa Petrov do Dr. Tarcísio, nos dá o traço primeiro da jóia que será moldada.

3. Cc3! ...

Declinando do convite! César Romeu prefere partir para outra lavra...

3. ... Cc6

4. Bc4 Bc5 – partida italiana

5. d3 h6 – após d3, giuoco piano

6. O-O ...

Aqui, acabou a teoria. Ao menos para o ChessBase 9.0.

6. ... d6

7. Be3 Bb6

8. a4 O-O

9. a5 Bxa5

Este peão pode ser tomado sem problemas, a cargo do que virá na seqüência.

10. Bd5 Bxc3

11. bxc3 Cxd5

12. exd5 ...

Tarcísio Lahud ou Anatoly Karpov? Os dois últimos lances das pretas foram jogados no melhor estilo do ex-campeão mundial: superior, troca tudo.

12. ... Ce7

13. c4 a6

14. Db1 f5!

Enquanto as brancas se ocupam de reparar o estrago na ala da dama, as pretas iniciam sólido ataque no flanco-rei.

15. Db3 f4

16. Bc1 b6

17. Cd2 ! ...

Manobra interessante, que visa a posicionar o cavalo na única casa que resta às brancas explorar.

17. ... Cf5!

Mais uma importante face é lapidada por este lance. Em breve, o ataque das pretas se tornará irresistível.

18. Bb2 Ch4

19. f3 Bf5

Lahud começa a atrair as peças contrárias. Com a paciência típica dos moldadores, as altas pressões e temperaturas não o assustam.

20. Cd4 Bd7

21. d4 De8

22. c5 Dg6

23. Tf2 bxc5!!

Aqui está. Certa noite, no quiosque Taça de Ouro, o Dr. Tarcísio me ensinou a preparar uma bebida de cor verde e aspecto nevado, chamada Green Diamond. O que ele não me revelou, entretanto, foi que ela deveria ser servida sobre um tabuleiro de xadrez.

De outra forma, o quê vemos aqui senão o próprio Green Diamond sendo servido ao seu adversário? Note o leitor o cálice formado pelos peões de **c5**, **d6** e **e7** a sustentar o seu conteúdo nevado, os peões de **d4** e **d5**. Observe também que a estrutura toda se assemelha a um diamante.

Por fim, atente para o conjunto da obra: ao mesmo tempo em que irá vencer a partida com ataque imparável na ala do rei, Tarcísio lapida duas jóias – o diamante no centro do tabuleiro e a própria partida – e, de quebra, serve, dentro do diamante, um coquetel tremendamente explosivo ao seu adversário. Simplesmente inebriante!!

24. dxe5 Bh3

25. g3 fxg3

26. Cxg3 Cf5

27. f4 Tfb8

28. Dc3 Txb2

29. Rh1 ...

Não podia tomar, por causa do ataque a **g3**.

29. ... Tab8

30. Tg1 Cxg3

31. hxg3 Bf5

32. g4 Tb1!

Incrível como um lapidário de valor consegue aumentar a pressão sem partir a jóia!

33. Dg3 Txb1

34. Dxb1 Be4+

Agora sim, o bispo.

35. Rh2 Bxd5

36. f5 Dg5

37. e6?? ...

Atordado pelo efeito fulminante do drinque, César Romeu comete este erro que perde de imediato a partida.

37. ... Dh4++

0-1

Mas, afinal, com o quê degustar esta jóia lapidada pelo Tarcisião? Então aí vai minha sugestão, “receitada” pelo próprio – e que ele me perdoe se eu esqueci a fórmula correta: numa taça fina, adicione licor de menta e gim, até a metade; cubra o restante com gelo picado e insira um canudinho, tomando o cuidado de não misturar com a bebida – nem o gelo, nem o canudinho –; quando você notar que o líquido, se imiscuindo no gelo, deu-lhe um aspecto nevado, é hora de beber.

Aprecie com moderação.

*